

Analfabetismo vem junto

Márcia Neri

Nas subtrações e divisões da vida das crianças que moram às margens da capital do País, a educação parece estar ficando para trás. O analfabetismo está crescendo entre a população mais jovem do Distrito Federal. Dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/2005), divulgados recentemente, mostram um assustador aumento de 284% do número de meninos e meninas com idade entre 10 e 14 anos que não sabem ler e escrever. De 2004 para 2005, a quantidade de crianças, nessa faixa-etária, que não conseguiam sequer escrever o próprio nome passou de 821 para mais de 3 mil no DF.

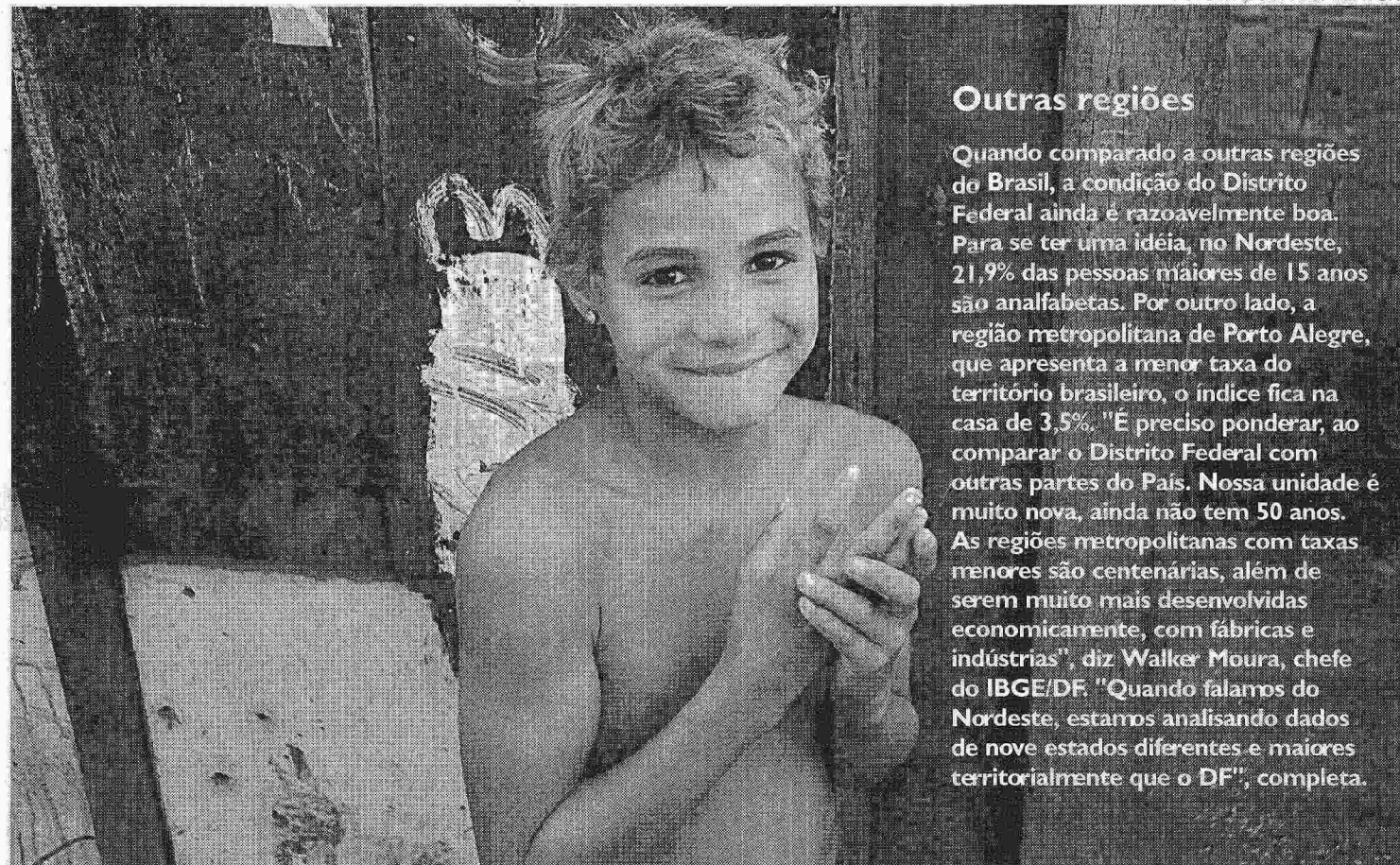
As comunidades de baixa renda são as mais atingidas pelo problema. Segundo Walker Moura, chefe de Unidade do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no Distrito Federal, a explosão demográfica da região pode ser uma das explicações para o aumento do analfabetismo. "O grande número de migrantes vindos de regiões economicamente mais pobres nos últimos anos é um fato que deve ser considerado. Muitas crianças já desembarcam em nossa região sem nunca ter frequentado uma sala de aula", alerta ele. De acordo com Moura, a infra-estrutura das escolas e as seguidas repetências também influenciam, pois muitas crianças desistem de estudar por se sentirem desestimuladas ou en-

vergonhadas pelo atraso em relação a série e a idade. "Como a cidade não estava preparada para receber tanta gente, existem locais que ainda não têm escolas. Há também as unidades que não conseguem atender aquelas crianças que até estudam, porém continuam sem saber ler e escrever. Além disso, a falta de instrução dos pais muitas vezes não permite que eles tenham consciência da importância do estudo na vida de seus filhos. As crianças não são estimuladas", diz Moura.

■ Dificuldade na escola

Morador da Estrutural, Gabriel Monteiro, de 11 anos, está no 2º ano do Ensino Fundamental. Mesmo frequentando o colégio todos os dias, o garoto ainda é analfabeto. Sua irmã mais velha, Laiane Monteiro, de 15 anos, explica que tenta ajudá-lo nas lições de casa, mas o menino tem grande dificuldade para aprender. "Os amigos vão ajudando e ele vai passando de ano", diz ela, justificando o fato de Gabriel cursar o 2º ano e ainda não conseguir ler e escrever. Os amigos que brincam com Gabriel em sua rua cursam anos mais avançados. Embora ensaiem um deboche do analfabetismo do colega, também não conseguem ler um texto, quando requisitados.

A Pnad detectou que o analfabetismo atinge 4,7% das pessoas maiores de 15 anos em todo o Distrito Federal. Mas o número de analfabetos funcionais, aqueles que frequentaram a escola por



■ MORADOR DA ESTRUTURAL, GABRIEL MONTEIRO, 11 ANOS, ESTÁ NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, MAS AINDA NÃO SABE LER E ESCREVER

algum tempo e ainda assim são incapazes de escrever um bilhete ou entender um texto, é de 11,1%. Vale lembrar que o mercado de trabalho está cada vez mais exigente em relação ao grau de escolaridade. A situação pode ser encarada como um sinal de alerta, afinal, crianças sem instrução hoje, serão adultos com dificuldades para conseguir emprego em um futuro próximo.

"Essa é uma questão que vai

além do problema estrutural. Não basta construir escolas e contratar professores. É preciso colocar as crianças dentro da sala de aula e ter um ensino de qualidade. O Estado tem essa obrigação, pois a educação é um direito", diz a professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília Stella Bortoni. Ela concorda com o chefe do IBGE/DF e acredita que as

fabetas da pesquisa de 2005 já chegaram aqui no DF assim.

"A maioria das famílias que chegam estão totalmente desestruturadas em termos de condições de vida. E a escola vai sendo deixada de lado, em segundo plano. Muitas crianças vão trabalhar, cuidando de carros em estacionamentos, vendendo doces em sinais de trânsito, para ajudar a sustentar a família. Essa prática vem de

muitos anos em locais menos desenvolvidos, só que antigamente o trabalho era na roça", alerta a professora. Stella considera ainda que todas as grandes cidades brasileiras têm problemas com a migração. "Não é um dado novo. Por isso, o Estado precisa estar preparado para que as crianças não sejam as maiores vítimas de uma questão social que vem se arrastando há muitos anos", conclui.

FOTOS: ADSON BOAVENTURA

Outras regiões

Quando comparado a outras regiões do Brasil, a condição do Distrito Federal ainda é razoavelmente boa. Para se ter uma idéia, no Nordeste, 21,9% das pessoas maiores de 15 anos são analfabetas. Por outro lado, a região metropolitana de Porto Alegre, que apresenta a menor taxa do território brasileiro, o índice fica na casa de 3,5%. "É preciso ponderar, ao comparar o Distrito Federal com outras partes do País. Nossa unidade é muito nova, ainda não tem 50 anos. As regiões metropolitanas com taxas menores são centenárias, além de serem muito mais desenvolvidas economicamente, com fábricas e indústrias", diz Walker Moura, chefe do IBGE/DF. "Quando falamos do Nordeste, estamos analisando dados de nove estados diferentes e maiores territorialmente que o DF", completa.